

## ENTRE RIOS, VALES E MONTANHAS: AS VIAGENS DE ERNESTO EM *OS RIOS PROFUNDOS*, DE JOSÉ MARÍA ARGUEDAS

Flávio Reginaldo Pimentel<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo tem como objetivo apresentar uma leitura do romance *Os rios profundos* (1958), do escritor peruano José María Arguedas. Dá ênfase ao segundo capítulo da referida obra, que tem como título: *As viagens*. Os conceitos de território e territorialidade, definidos por Deleuze e Guattari (1997), ajudam a entender os processos memorialísticos que são marcantes na narrativa arguediana. O uso da memória utilizada por Arguedas para produzir os discursos narrativos de Ernesto, narrador-personagem, aprofunda, no texto literário, as marcas de sua identidade híbrida, mestiça, heterogênea. Ernesto vive conflitos, contradições, sonhos e anseios que a todo momento o confrontam com a dura realidade que está a sua volta, o que produz múltiplas territorialidades geradoras de memória. O espaço da Cordilheira dos Andes, do lado peruano, é um lugar onde memórias, identidades, territorialidades e cultura se inter-relacionam a todo momento. Ernesto viaja em companhia de seu pai Gabriel, passam por Cusco e seguem por vales, montanhas, rios e povoados até chegarem a Abancay. Utilizando uma metodologia teórico-reflexiva, temos como aporte teórico os estudos de Ricoeur (1995, 2007), Halbwachs (2006), Rama (1982, 2008), Cornejo Polar (1973, 1994), Deleuze e Guattari (1992, 1997), entre outros.

**Palavras-chaves:** Memória; Território; Viagens; Ernesto.

## ENTRE RÍOS, VALLES Y MONTAÑAS: LOS VIAJES DE ERNESTO EN *LOS RÍOS PROFUNDOS* DE JOSÉ MARÍA ARGUEDAS

**RESUMEN:** El artículo tiene como objetivo presentar una lectura de la novela *Los rios profundos* (1958) del escritor peruano José María Arguedas. Destaca el segundo capítulo de la citada obra, que lleva por título: *Los Viajes*. Los conceptos de territorio y territorialidad, definidos por Deleuze y Guattari (1997), ayudan a comprender los procesos memorialísticos que se destacan en la narrativa arguediana. El uso de la memoria que utiliza Arguedas para producir los discursos narrativos de Ernesto, narrador-personaje, profundiza en el texto literario, las marcas de su identidad, híbrida, mestiza, heterogénea. Ernesto vive conflictos, contradicciones, sueños y añoranzas, que lo confrontan constantemente con la dura realidad que lo rodea, lo que produce múltiples territorialidades generadoras de memoria. El espacio de la Cordillera de los Andes, del lado peruano, es un lugar donde se interrelacionan memorias, identidades, territorialidades y cultura a todo momento. Ernesto viaja en compañía de su padre Gabriel, pasan por Cusco y siguen por valles, montañas, ríos y pueblos hasta llegar a Abancay. Utilizando una metodología teórico-reflexiva, tenemos como aporte teórico los estudios de Ricoeur (1995, 2007), Halbwachs (2006), Rama (1982, 2008), Cornejo Polar (1973, 1994), Deleuze e Guattari (1992, 1997), entre otros.

**Palabras clave:** Memoria; Territorio; Viajes; Ernesto.

<sup>1</sup>Doutor em Literatura e Crítica Literária. Instituto Federal do Pará/IFPA – campus Belém. E-mail: flavio.pimentel@ifpa.edu.br

## Introdução

A literatura latino-americana ultrapassa as definições e concepções estéticas de escolas e movimentos literários. É preciso entender todo o complexo histórico, social, econômico e cultural que se formou ao longo dos mais de cinco séculos no continente latino. A chegada do branco europeu na América não deve ser considerada como início, mas como continuidade dos processos de reconfiguração a partir de trocas culturais.

Vários escritores e artistas latino-americanos assumiram a importante tarefa de dar sentido a tais reconfigurações. No campo literário, um dos nomes mais proeminentes é o do peruano José María Arguedas (1911-1969). A obra arguediana ultrapassa as fronteiras do Peru, do novo indigenismo ou do regionalismo andino, como por vezes é classificada. Sua narrativa desloca-se e movimenta-se em busca de novos territórios, de leituras e análises estéticas que ajudam a compreender a complexidade da América Latina.

Nascido em 1911, em Andahuaylas, no departamento de Apurímac, na cordilheira andina, José María Arguedas assumiu várias atividades profissionais. Foi professor, folclorista, etnólogo, antropólogo, ensaísta, mas foi principalmente escritor. Sua carreira literária inicia em 1935, com a publicação do livro *Agua*, formado por três contos: *Agua*, *Los escolares* e *Warmá Kuyay*. Em 1939, publicou o conto escrito em quéchua *Runa Yupay*. Seu primeiro romance foi *Yawar Fiesta*, em 1941, tendo como temática uma corrida de touros no estilo andino. Em 1954, Arguedas publica o conto *Diamantes y Pedernales*.

O romance que iremos abordar neste trabalho, *Los ríos profundos*, foi publicado em 1958. Em 1961, publica *El sexto*, que trata sobre o período em que ficou preso por ser considerado subversivo. No ano seguinte, em 1962, publica os contos *A nuestro padre creador Tupac Amaru* e *La agonía de Rasu-Ñiti*, contos em que Arguedas se aproxima cada vez mais da cultura andina e de seu modo de vida. Em 1964, publica *Todas las sangres*. Em 1966, Arguedas publica *Oda al jet e*, em 1967, *Amor Mundo y todos los cuentos*. José María Arguedas deixa inacabado o livro *El Zorro de Arriba y el Zorro de Abajo*, que foi publicado postumamente em 1971.

O conjunto da obra de José María Arguedas ultrapassa o literário. É autor de vários textos científicos de caráter antropológico e etnológico. Além de textos críticos, ensaios e correspondências. Não há dúvida que Arguedas assume papel importante na construção e fortalecimento da literatura latino-americana no século XX. O mundo andino, suas tradições e contradições são revelados de forma original, descortinando a fumaça que cobria a realidade

dos indígenas no Peru daqueles anos. Arguedas acrescenta o valor estético e cultural ao social e histórico.

O *corpus* deste trabalho é a tradução do romance *Los ríos profundos* (1958), que foi publicado no Brasil em 2005 pela Companhia da Letras. Considerado pelos críticos literários como o melhor livro de Arguedas, *Os rios profundos* (2005) é emblemático por si só. Nele, o autor guarda temas como: memórias, identidades culturais, luta dos indígenas contra a exploração branca/misti<sup>2</sup>/criolla<sup>3</sup>, espaço/território andino, língua quéchua *versus* língua castelhana, cultura popular, mestiçagem, mundo mítico inca, conflitos étnicos, viagens, deslocamentos, além de outros.

Como escritor, José María Arguedas constrói um projeto literário, acrescentando aspectos políticos e denunciando a dura realidade peruana. “Escrevemos por amor, prazer e necessidade, não por ofício. [...] Eu vivo para escrever, e creio que é preciso viver incondicionalmente para interpretar o caos e a ordem” (ARGUEDAS, 2016, p. 43). O escritor peruano usa toda sua originalidade para interpretar e narrar o “caos e a ordem”, dando sentido histórico e político ao texto literário.

A partir do discurso narrativo de Ernesto, percebe-se as várias construções identitárias, a busca por novas territorialidades que a todo momento o deslocam e o colocam frente à realidade que conhece nas viagens empreendidas pelos Andes. “Eu não me sentia mal nesse quarto. Era muito parecido com a cozinha em que fora obrigado a viver na infância, com o quarto escuro onde recebi os cuidados, a música, os cantos e o falar dulcíssimo das criadas índias e dos *concertados*<sup>4</sup>” (ARGUEDAS, 2005, p. 11).

É na perspectiva de movimento e de múltiplos deslocamentos do narrador-personagem que este texto se insere, a partir das experiências com o espaço/território que Ernesto segue, vivendo as agruras de ser considerado um sujeito híbrido/mestiço/heterogêneo. Nesse percurso, Ernesto viaja. Conhece cidades, vilas, lugares. Caminha por vales, montanhas e contempla a beleza dos rios. Também se vê frente à situação real da população peruana indígena e pobre, que está dividida entre “os da costa” e “os da serra”. Arguedas nos presenteia, através do texto literário, com um panorama real do que seria o Peru da primeira metade do século XX.

---

<sup>2</sup> Misti é o termo usado por José María Arguedas para designar os proprietários de terras.

<sup>3</sup> O termo criollo é usado para designar os descendentes de espanhóis que eram nascidos na América hispânica. Em geral, eram possuidores de grandes propriedades de terra e também atuavam no comércio.

<sup>4</sup> Peões com salário anual.

## 1. As viagens de Ernesto: memória e território na narrativa arguediana

O romance *Os rios profundos* (2005) pode ser considerado como um livro que tematiza a memória inter-relacionada com a representação da viagem. Nesse sentido, percebe-se, já nas primeiras páginas do primeiro capítulo, tal intenção de José María Arguedas.

Foi pensando nesse homem, contudo, que meu pai concebeu um estranho projeto. **Ele havia dito que a viagem era para Abancay, mas seguimos, no entanto, em direção a Cusco**, vindos de um longínquo povoado. Segundo meu pai, íamos de passagem. Eu estava ansioso por chegar à cidade grande. [...].

Era noite quando entramos em Cusco. Fiquei surpreso com a estação de trem e a avenida larga pela qual, lentamente, avançávamos. A luz elétrica era mais fraca que a de alguns lugarejos que eu conhecia. Grades de madeira ou de aço defendiam jardins e casas modernas. A Cusco de meu pai, aquela que ele me descrevera umas mil vezes, não podia ser essa (ARGUEDAS, 2005, p. 7-8. Grifo nosso).

Pelo excerto acima, percebe-se, de forma clara, a elaboração de um projeto/planejamento de viagem. Os viajantes, Ernesto e seu pai, chegam à cidade de Cusco, antiga capital do Império Inca. A intenção é resolver questões com um parente chamado de *O velho*, título do primeiro capítulo. Interessante notar que a cidade não é reconhecida pelo menino viajante, que já a conhece pelas memórias do pai. Esse novo território o desconforta. Ele já tinha escutado inúmeras histórias do pai sobre a cidade.

A memória de Ernesto é ativada e aos poucos ele vai recordando o que Gabriel lhe havia contado sobre Cusco. “Meu pai me falara de sua cidade natal, dos palácios e templos, e das praças, durante as viagens que fizemos, cruzando o Peru dos Andes, de leste a oeste e de sul a norte. **Eu crescera nessas viagens**” (ARGUEDAS, 2005, p. 12. Grifo nosso). Ernesto é um menino viajante.

Há um estranhamento que o desloca. A cidade era, de certa forma, estranha. Bem maior que imaginava, apresentava traços ainda não vistos; “grades de madeira ou de aço defendiam jardins e casas modernas” (ARGUEDAS, 2005, p. 8), diferentes do que ele tinha presenciado em viagens e lugares anteriores. Há também um deslocamento do pai. Não quer ser visto e percebido. Se sente estranho nessa viagem de retorno à cidade natal. “Meu pai ia se escondendo junto às paredes, na sombra. Cusco era sua cidade natal, e não queria que o reconhecessem” (ARGUEDAS, 2005, p. 8). O pai se encontra em um terreno movediço.

Depois da passagem simbólica pela capital sagrada do Império Inca, Ernesto e o pai voltam ao roteiro inicial. Na verdade, dão continuidade ao plano de Gabriel, que é deixar seu filho na cidade andina de Abancay, pois irá matricular o filho no colégio interno dos padres mercedários. “Já no trem, enquanto via a cidade crescer, ao fogo do sol que caía sobre os telhados e as cúpulas maciças, descobri o Sacsayhuaman, a fortaleza” (ARGUEDAS, 2005, p. 30). Um panorama do espaço/território é apresentado pelo narrador-personagem, que vai descobrindo e desvendando sítios arqueológicos e lugares simbólicos para a cultura incaica.

Em fileiras quebradas, as muralhas se assentavam sobre a encosta, em meio ao cinza da grama. Algumas aves pretas, não tão grandes quanto os condores, davam voltas, ou se lançavam do fundo do céu sobre as filas de muros. Meu pai viu que eu contemplava as ruínas e não me disse nada. Mais acima, quando o Sacsayhuaman se mostrou, cercado pela montanha, e foi possível distinguir o perfil redondo e não agudo, dos ângulos das muralhas, ele me disse:  
- São como as pedras do Inca Roca. Dizem que vão durar até o juízo final; que o arcanjo tocará sua trombeta ali (ARGUEDAS, 2005, p. 30-31).

O movimento de saída dos viajantes da cidade de Cusco é marcado por informações culturais, como vemos no trecho acima. O Inca Roca foi um governante de Cusco. Em seu reinado, modernizou o sistema de água e drenagem da cidade. Além disso, percebe-se a presença da mistura de crenças. Ao falar do juízo final, o pai apresenta a figura de um arcanjo. Esta marca simbólica acontece por causa da evangelização cristã que aconteceu no espaço/território andino. A Companhia de Jesus foi a grande responsável por incluir na cultura incaica elementos representativos do cristianismo católico.

Seguindo, os viajantes chegam a outra localidade, “Passamos o cume. Chegamos em Iscuchaca, lá alugamos cavalos para seguir viagem até Abancay. Iríamos pelo pampa de Anta. [...] Enquanto trotávamos na planície imensa, eu via Cusco” (ARGUEDAS, 2005, p. 31). A última visão de Ernesto da cidade sagrada acontece do alto da montanha, onde consegue ver a praça e as cúpulas dos templos. O caminho escolhido traz como elemento principal a paisagem que será plenamente observada pelo narrador-personagem. É nesse espaço/território que muitas confluências identitárias acontecem. “De tarde chegamos ao pico das cordilheiras que cercam o Apurímac. “Deus que fala” é o significado do nome desse rio” (ARGUEDAS, 2005, p. 32).

O viajante entra na quebrada bruscamente. A voz do rio e as profundezas do abismo poeirento, o jogo da neve distante e as rochas, que brilham como espelhos, despertam em sua memória lembranças primitivas, os mais antigos sonhos.

À medida que desce para o fundo do vale, o recém-chegado sente-se transparente, como um cristal em que o mundo vibrasse (ARGUEDAS, 2005, p. 32).

Chama atenção o excerto acima, pois percebe-se a presença da memória no discurso narrativo. Ela é profundamente marcante na narrativa de José María Arguedas. Antonio Cornejo Polar (1973) revela que Ernesto é um garoto que tem obsessão pela memória.

Em *Os rios profundos*, o relato decorre de um narrador-protagonista: novamente o menino Ernesto, agora com quatorze anos (p. 19). Tipifica o jovem e sua capacidade para a recordação, sua permanente quase obsessiva atitude evocadora: “esperei contemplando-o todo, fixando-o em minha memória”; “estava mais atento às lembranças que as coisas externas” – diz o protagonista em dois momentos do romance (pp. 46, 236) (CORNEJO POLAR, 1973, p. 104, tradução nossa).<sup>5</sup>

É esta memória que se faz reveladora em todo o romance arguediano. Ernesto assume o papel de ser o responsável por manter a memória viva, perene, marcante. Ela faz um movimento atemporal, movimento de ida e volta, de encontros e desencontros. Esta memória traz marcas de construções identitárias. É nessa ambientação da cordilheira que se dará as mais instigantes formas narrativas com as quais José María Arguedas constrói seu projeto literário.

Cornejo Polar (1973) afirma que “sua perspectiva, mais uma vez, é a evocação, a memória da infância. As reflexões de Arguedas, nesses anos críticos, o remetem ao momento em que, de maneira trágica e alegre, descobriu que seu mundo deveria ser o dos índios” (CORNEJO POLAR, 1973, p. 100, tradução nossa).<sup>6</sup> É em uma perspectiva dual de produção artística que Arguedas concebe sua literatura. Ele faz uma opção, ou seja, escolhe o mundo mítico-mágico da cultura indígena no seu romance.

Nesse sentido, a memória do autor se entrelaça ao do narrador-personagem, que juntas percorrem caminhos tortuosos das montanhas e vales. Conhecem cidades, vilas e povoados, desvendam mistérios da cultura, da oralidade e da cosmovisão andina, conforme veremos no decorrer do texto.

---

<sup>5</sup> En Los ríos profundos el relato proviene de un narrador-protagonista: nuevamente el niño Ernesto, ahora de catorce años (p. 19). Tipifica al muchacho su capacidad para el recuerdo, su permanente, casi obsesiva actitud evocadora: "esperé contemplándolo todo, fijándolo en mi memoria"; "estaba más atento a los recuerdos que a las cosas externas" - dice el protagonista en dos momentos de la novela (pp. 46, 236) (CORNEJO POLAR, 1973, p. 104).

<sup>6</sup> Su perspectiva, una vez más, es la evocación, el recuerdo de la infancia. Las reflexiones de Arguedas durante estos años críticos lo devuelven al instante en que, trágica y gozosamente, descubrió que su mundo debía ser el de los indios (CORNEJO POLAR, 1973, p. 100).

## 2. As viagens de Ernesto: a busca por novos territórios na narrativa arguediana

O segundo capítulo do romance *Os rios profundos* tem como título *As viagens*, conforme dito anteriormente. Após conhecer Cusco, Ernesto retoma a viagem com o pai, agora em direção à Abancay. Nesse capítulo, percebe-se o deslocamento que os viajantes fazem, mas este deslocamento/movimento não se dá somente no plano físico do espaço geográfico. Há um deslocamento simbólico/subjetivo que está repleto de significados interiores, reflexões e constantes buscas. Nas primeiras linhas, o narrador-personagem revela toda experiência de menino viajante.

Meu pai nunca encontrou lugar onde fixar residência; foi um advogado de províncias, instável e errante. **Com ele conheci mais de duzentos povoados.** Temia os vales quentes e só passava por eles como viajante; ficava morando algum tempo nos povoados de clima temperado: Pampas, Huaytá, Coracora, Puquio, Andahuaylas, Yauyos, Cangallo... Sempre junto de um rio pequeno, sem bosques, com grandes pedras luzidias e peixes miúdos (ARGUEDAS, 2005, p. 33. Grifo nosso).

O conceito de território e, conseqüentemente o encontro com as territorialidades apresentadas por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs* (1997), ajuda a compreender a narrativa apresentada por Arguedas e os deslocamentos de Ernesto em suas viagens. No texto *Acerca do Ritornelo*, o símbolo musical ritornelo se torna a base para elaborar novos conceitos e perspectivas de análise para o território. O ritornelo se relaciona com o espaço subjetivo e abstrato, ou seja, seria um agenciamento de territórios.

O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os "territorializa". O território é o produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos. [...] Um território lança mão de todos os meios, pega um pedaço deles, agarra-os (embora permaneça frágil frente a intrusões). Ele é construído com aspectos ou porções de meios. Ele comporta em si mesmo um meio exterior, um meio interior, um intermediário, um anexado. Ele tem uma zona interior de domicílio ou de abrigo, uma zona exterior de domínio, limites ou membranas mais ou menos retrateis, zonas intermediárias ou até neutralizadas, reservas ou anexos energéticos [...] Precisamente, há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos. Há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo. É a emergência de matérias de expressão (qualidades) que vai definir o território (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 105).

O movimento que ocorre a partir do ritornelo é capaz de ir ao encontro de múltiplos territórios, que se entrecruzam e se deslocam, abrindo novos caminhos de apropriação e descobertas. É um movimento que podemos perceber nos percursos feito por Ernesto e seu pai, quando a cada momento da viagem descobrem novas experiências, e vão seguindo rumo a novos territórios e descobertas. “Mas meu pai decidia partir de um povoado para outro quando as montanhas, os caminhos, os campos de jogo, o pouso dos pássaros, quando os detalhes do povoado começavam a fazer parte da memória” (ARGUEDAS, 2005, p. 34).

Segundo Haesbaert & Bruce (2002), a noção de território apresentada é num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso dado em algumas áreas das ciências humanas. Os seres vivos se organizam segundo seus próprios territórios, que, por sua vez, os delimitam e os articulam a outros seres vivos. Na perspectiva deleuze-guattariana:

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323. apud HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 6).

Os seres se organizam nos mais diversos territórios, que, por sua vez, vão interagir e inter-relacionar-se com outros territórios existentes. Nesse sentido, os autores propõem que o território pode ser relativo no sentido de ser um espaço físico vivido, um sistema percebido ou sentido, no qual o indivíduo se “sente em casa”, seguro, como um lugar de identificação (HAESBAERT; BRUCE, 2002). Há uma relação de proximidade, mas ao mesmo tempo de distanciamento, de fluxo contínuo de movimentos. Uma inter-relação de territórios e avanços nas territorialidades.

A narrativa arguediana de *Os rios profundos* está repleta de tais singularidades territoriais. Tanto o narrador-personagem quanto seu pai Gabriel se deslocam como no movimento do ritornelo. Se movimentam e vão ao encontro de novos territórios, desterritorializando-se para, em seguida, reterritorializar-se. Ao passarem pelas cidades, vilas e povoados, os viajantes vivem e agem de acordo com o novo ambiente. Se apropriam dos costumes e das tradições locais, interagem e dialogam com o povo do lugar. Ernesto e Gabriel buscam novas territorialidades.

Meu pai gostava de *huaynos*<sup>7</sup>, não sabia cantar dançava mal, mas recordava a que lugarejo, a que comunidade, a que vale pertencia esse ou aquele canto. Poucos dias depois de chegar a um povoado, verificava quem era o melhor harpista, o melhor tocador de *charango*<sup>8</sup>, de violino e de violão. Chamava-os e passavam a noite inteira em nossa casa. Nesses povoados só os índios tocam harpa<sup>9</sup> e violino. Meu pai alugava as casas mais baratas dos bairros centrais. O chão era de terra, as paredes de adobe tosco ou reboco com barro. Uma lamparina de querosene nos dava a luz. Os harpistas índios tocam de olhos fechados. A voz da harpa dava a impressão de brotar do escuro de dentro da caixa; e o charango formava um torvelinho que gravava na memória a letra e a música dos cantos (ARGUEDAS, 2005, p. 34-35).

Para Deleuze e Guattari (1997), há um movimento constante no interior do território. Em *Acerca do ritornelo*, os autores dão o exemplo da criança que anda e cantarola ao mesmo tempo. Ela busca uma superação ao caos e ao medo existentes, a partir da zona interior, do sentimento de se sentir segura, em casa, como em um abrigo. Isso a protege do caos. São as buscas constantes por novas territorialidades, que são múltiplas e diversas.

Tal movimento é resultado das muitas determinações territoriais a que o indivíduo está condicionado. Condicionamentos materiais e imateriais, contradições de caráter social, questões econômicas, políticas e sobretudo culturais fazem com que a “criança” salte ao mesmo tempo em que canta. Num constante movimento.

Sublinhou-se muitas vezes o papel do ritornelo: ele é territorial, é um agenciamento territorial. O canto de pássaros: o pássaro que canta marca assim seu território... Os próprios modos gregos, os ritmos hindus são territoriais, provinciais, regionais. O ritornelo pode ganhar outras funções, amorosa, profissional ou social, litúrgica ou cósmica: ele sempre leva terra consigo, ele tem como concomitante uma terra, mesmo que espiritual, ele está em relação essencial com um Natal, um Nativo (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 102).

As novas territorialidades adquiridas vão compor a memória dos viajantes nos percursos futuros. “Certa vez chegamos a um povoado cujos moradores principais odeiam os forasteiros. O povoado é grande e tem poucos índios” (ARGUEDAS, 2005, p. 36). Percebe-se também que há conflitos internos e externos na apropriação dos novos territórios. Tal movimento não se dá de forma tranquila. Há um processo de aceitação e não aceitação. Os viajantes, muitas vezes denominados de “forasteiros”, nem sempre são bem-vindos nas localidades. São vistos com desconfiança por alguns grupos sociais.

---

<sup>7</sup> Canção e dança popular de origem inca.

<sup>8</sup> Espécie de bandurra muito popular nos Andes, especialmente entre os índios e mestiços (N.T.)

<sup>9</sup> Adaptação rústica e original desse antigo instrumento de cordas. No mundo andino, atribuem-se poderes mágicos ao harpista. (N.T.)

Nesse povoado quiseram nos matar de fome; colocaram um vigia em cada canto de nossa casa para ameaçar os litigantes que iam ao escritório de meu pai; odiavam os forasteiros como as nuvens de gafanhotos. Meu pai ia viajar de caminhão, ao amanhecer; eu saí a pé durante a noite (ARGUEDAS, 2005, p. 37).

Percebe-se o conflito gerado entre os que ocupam os territórios e os de “fora” que chegam a tais lugares. Aceitação e não aceitação sempre geram conflitos internos e externos. Fugas, movimentos e percursos conflituosos. Como no ritornelo, há um constante movimento de entrada e saída do território. Um movimento que permite a saída do velho, onde é recriado um novo, um movimento de descontinuidade e continuidade. O velho permanece no novo, não é eliminado, mas retorna sob outra forma, no novo. Uma espécie de abarcamentos das totalidades anteriores, agora contidas no novo, nos novos ritornelos, nos novos territórios.

Não se pode deixar de mencionar que o capítulo sobre *As viagens* traz uma descrição rica em detalhes e movimentos relacionados com a natureza. O movimento dos rios, dos pássaros, das plantas, tudo chama atenção do narrador-personagem. “Perto do povoado, todos os caminhos estão margeados de árvores *capulí*. Eram umas árvores frondosas, altas, de tronco luminoso; as únicas frutíferas do vale. Os pássaros de bico duro, a *tuya*, a *viuvinha*, o *chihuaco*, rondavam os pomares” (ARGUEDAS, 2005, p. 36).

A memória constitui um dos princípios fundadores da narrativa em Arguedas e, a partir dela, se desenrola um novelo de outras memórias. É nesse emaranhado de memórias que o romance arguediano se condensa. Tudo é memória. Pela sua experiência de viajante, Ernesto descreve os movimentos que ocorrem no interior desses pequenos detalhes, que muitas vezes passam despercebidos. É pela memória que revela ao leitor seu conhecimento dos lugares onde passou.

[...] Sobre a abra, antes de cruzar o cimo, lembrei-me das fileiras de pés de *capulí* que orlam os muros desse povoado; como caíam, enredando-se nos galhos, os pássaros feridos com estilingues; o rio pequeno, manso, sem pedras, cruzando em silêncio os campos de linho; os peixes miúdos em cujos flancos brilha o sol; a expressão agressiva e inesquecível das pessoas (ARGUEDAS, 2005, p 36-37).

Os inúmeros deslocamentos, segundo Deleuze e Guattari (1997), seriam processos de desterritorialização. Além disso, tais processos são, ao mesmo tempo, de territorialização ou reterritorialização, ou em outras palavras, a apropriação de um novo território. Nesse sentido,

Ernesto passa por um conflito em busca de estabilidade, em busca de territórios estáveis. Ele quer tranquilidade, mesmo que transitória, para entender as agruras que o cerca. Há uma tentativa de aproximação nos povoados que odeiam os forasteiros. “Quando saía de noite, os sapos coaxavam a intervalos; seu coro frio me acompanhava por vários quarteirões” (ARGUEDAS, 2005, p. 38).

O movimento de aproximação que o narrador-personagem inicia é uma tentativa de compreensão e ao mesmo tempo de busca por uma aceitação por parte dos “outros”. Ele se sente inquieto e vai ao encontro dos novos territórios.

Chegava à esquina, e junto da venda dessa jovem que parecia ser a única que não olhava os estranhos com olhos severos, cantava *huaynos* de Querobamba, de Lambrama, de Sañayca, de Toraya, de Andahuaylas... dos povoados mais distantes; cantos das quebradas profundas. Desabafava; vertia o desprezo amargo e o ódio com que ali nos olhavam, o fogo de minhas viagens pelas grandes cordilheiras, a imagem de tantos rios, das pontes suspensas sobre a água que corre desesperada, a luz resplandecente e a sombra das nuvens mais altas e temíveis. Depois voltava pra casa, devagar, pensando com lucidez no tempo em que teria a idade e a decisão necessária para me aproximar de uma mulher bonita; tanto mais bela quanto mais hostil o povoado em que vivesse (ARGUEDAS, 2005, p. 38).

É próprio de quem se desloca por novos territórios encontrar instabilidade. Há uma busca constante de Ernesto por superar os conflitos. Ele percebe que existem vários processos territoriais que se inter-relacionam dentro de um mesmo território, processos estes de cunho político, social, cultural, simbólicos. Isso culmina em novos processos, pois nenhum processo territorial pode ser analisado isoladamente. As várias territorialidades se inter cruzam em movimentos dentro de um mesmo território.

Nessa perspectiva, percebe-se que há uma abertura, um movimento em direção ao novo, um abandono do velho e um lançar-se/deslocar-se, como se vê abaixo:

Agora, enfim, entreabrimos o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou então nós mesmos vamos para fora, nos lançamos. Não abrimos o círculo do lado onde vêm acumular-se as antigas forças do caos, mas numa outra região, criada pelo próprio círculo. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças em obra que ele abriga. E dessa vez é para ir ao encontro de forças do futuro, forças cósmicas. Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir ao encontro do Mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar "linhas de

errância", com volteios, nós velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 100).

Na perspectiva deleuzeguattariana, há uma busca ou um “lançar-se” a um devir ou devires. Abandonando antigos territórios, desterritorializando-se através de linhas de escape que surgem e que apontam para outras linhas e assim sucessivamente. A vivência experimentada a partir dessa aventura de fuga, de deslocamentos, de lançamento, traz novas experimentações surpreendentes. Há, na verdade, uma constante criação e recriação de territórios. É o que percebemos em Ernesto, que, ao percorrer, em suas viagens, diversos lugares, cria e recria formas de interagir e apropriar-se dessas novas territorialidades.

Diante de Yauyos há um povoado que se chama Cusi. Yauyos fica numa quebrada pequena, sobre um afluente do rio Cañete. O riachinho nasce num dos poucos montes nevados que há desse lado da cordilheira; a água desce aos saltos até alcançar o rio grande que passa no fundo distante do vale, por um leito escondido entre as montanhas que se levantam bruscamente, sem deixar clareira alguma, nenhuma ribanceira (ARGUEDAS, 2005, p. 38-39).

Essa descrição detalhada do local, muitas vezes, é sem importância para muitos viajantes, mas, para Ernesto, se torna motivo de reflexão. Ele é observador e fica atento aos detalhes dos lugares que vai percorrendo. Há um agenciamento de territórios por parte do menino viajante, que se desterritorializam. Em *O que é filosofia?*, Deleuze e Guattari (1992) chamam de processo de desterritorialização, pois, para eles, “a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização *in loco* pelo qual ultrapassa todo o território: ela é desterritorializante e desterritorializada” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 110).

Há uma ação de desconstruir e reconstruir novamente. Nesse sentido, é importante entender que a desterritorialização não é uma linha de chegada, mas ela faz parte de todo o processo de criação de novos territórios ou mesmo de abandono dele. “A desterritorialização é o movimento pelo qual ‘se’ abandona o território” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 238). Nesse abandono de território, surgem novos territórios e assim sucessivamente.

Saímos de Huancapi antes do amanhecer. Sobre os telhados de palha havia neve, as cruces dos telhados também tinham gelo. Os touros de barro que cravam de um lado e de outro das cruces pareciam bem maiores nessa hora; com a cabeça levantada, tinham o ar de animais vivos, sensíveis apenas à profundidade. [...] no caminho para Cangallo descemos até o fundo do vale, seguindo o curso da quebrada. A noite estava gélida e não conversávamos; meu pai ia na frente, eu atrás dele, e o peão me seguia de perto, a pé. Íamos em busca do grande rio, o Pampas (ARGUEDAS, 2005, p. 42).

Ernesto tem consciência de seu papel diante do novo. Ele conhece, se apropria e interage nos novos territórios que vai “conquistando”. “Descemos pelo caminho que cai no vau de Cangallo” (ARGUEDAS, 2005, p. 42). O “abandono de território” não é completo ou desaparece. Ele continua existindo. Na verdade, ganha novos contornos, é alterado, e ganha novos sentidos e significados. As linhas de fuga, por onde é possível desterritorializar-se, estarão sempre presentes, abertas, dispostas num ritmo contínuo de movimentos múltiplos (GRANETTO MOREIRA; DAL MOLIN, 2019). Estas ainda possibilitam novas territorializações e reterritorialização.

Estava para amanhecer. Tínhamos chegado à região dos amieiros, das aroeiras e das árvores de tara. Bruscamente, da abra em que nasce a torrente saiu uma luz que nos iluminou pelas costas. Era uma estrela mais luminosa e gelada que a lua. Quando a luz caiu na quebrada, as folhas dos amieiros brilharam como a neve [...]. Meu coração batia como se tivesse dentro de uma cavidade luminosa. Com a luz desconhecida, a estrela continuou crescendo; o caminho de terra branca já não era visível senão a distância. [...]. Era como se estivéssemos entrado num campo de água que refletisse o brilho de um mundo nevado. “Luzeiro grande, *werak’ocha*, luzeiro grande!”, chamava-nos o peão, enquanto nos alcançava; sentia a mesma exaltação diante dessa luz repentina (ARGUEDAS, 2005, p. 43).

Vale ressaltar que o movimento/deslocamento por novas territorialidades empreendido por Ernesto não se limitam ao capítulo dois de *Os rios profundos*. Na verdade, percebe-se que toda a narrativa se dá em torno de uma movimentação, de uma busca. Ernesto, por ser considerado um menino mestiço, filho de brancos, mas que aprendeu a falar quéchua, pois viveu em um *ayllu*<sup>10</sup>, passa por dilemas identitários que sempre o colocam num terreno movediço e tortuoso. E as viagens que faz com o pai ajudam a construir sua identidade fragmentada. “De Cangallo seguimos viagem rumo a Huamanga, pelo pampa dos índios *morocuchos*” (ARGUEDAS, 2005, p. 43).

E a viagem de Ernesto prossegue pela Cordilheira dos Andes rumo à Abancay. Nesta outra cidade, o narrador-personagem também vai passar por situações que o deslocam, mas que, aos poucos, com as experiências vividas no colégio interno, ele vai construir sua identidade. “Tivemos que atravessar três departamentos para chegar a essa pequena cidade silenciosa. Foi a viagem mais longa e estranha que fizemos juntos” (ARGUEDAS, 2005, p. 45).

---

<sup>10</sup> Comunidade de índios na cultura incaica. Acreditava-se que todos os que pertenciam ao *ayllu* eram da mesma família.;

## Algumas considerações

O romance *Os rios profundos* (2005), de José María Arguedas, revela uma realidade vivida na cordilheira peruana na primeira metade do século XX. Como estratégia de escritura literária, Arguedas utiliza a memória para descortinar tal realidade, dando ao seu leitor um panorama das relações, sociais, políticas, econômicas e principalmente culturais dos Andes. A obra arguediana contribui para fortalecimento da literatura latino-americana.

A proposta deste texto foi analisar a viagem empreendida por Ernesto, narrador-personagem, e seu pai Gabriel. O segundo capítulo do romance traz claramente esta temática. A partir dos conceitos de território e territorialidades, percebe-se que Arguedas alia memória, o espaço literário e discurso narrativo, o que garante profundidade à sua narrativa romanesca.

Ernesto é um menino viajante que vive suas contradições de ser descendente de brancos, mas que aprendeu a falar quéchua desde tenra idade, pois viveu com os indígenas em um *ayllu*. O que lhe dá suporte para transitar e se deslocar pelos diversos territórios e construir territorialidades múltiplas. O narrador personagem é um sujeito vocacionado para os eventos de cunho memorialísticos, além disso, é bastante reflexivo, sonhador e disposto ao novo. Há uma constante busca por algo incerto.

Os conceitos de território e territorialidades apontados por Deleuze e Guattari (1997) ajudam a compreender os processos de desterritorialização e territorialização que Ernesto vive. A todo momento, o menino viajante enfrenta tais processos, posto que não é só um movimento físico geográfico, mas são subjetivos/reflexivos. No caso de Ernesto, essa relação se dá pela memória, pois é ela responsável por trazer à tona toda a gama cultural que o menino adquire em suas andanças pela Cordilheira.

Este texto não se esgota em si. Quer ser apenas uma contribuição para as leituras e estudos sobre a obra arguediana e toda sua complexidade que possui. Vale ressaltar que José María Arguedas precisa ser conhecido pelo leitor brasileiro, para que, através de sua literatura, possa conferir a grandeza e profundidade de um escritor/artista tão singular.

## Referências

ARGUEDAS, José María. **Os rios profundos**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARGUEDAS, José Maria Arguedas. **A raposa de cima e a raposa de baixo**. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. Reterritorialização e identidade territorial. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (1):165-180, abr. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/issue/view/548>. Acesso em: 12 de ago. de 2020.

CORNEJO POLAR, Antonio. **Los universos narrativos de José María Arguedas**. Buenos Aires: Editorial Losada AS, 1973.

CORNEJO POLAR, Antonio. **Escribir en el aire: ensayo sobre la heterogeneidad sociocultural en las literaturas andinas**. Lima-Peru: Editorial Horizonte, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Acerca do ritornelo. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs v.4**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Adolfo Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Rizoma**. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs v.1**. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

GRANETTO MOREIRA, Julia Cristina; DAL MOLIN, Beatriz Helena. Território e Desterritorialização: A EaD na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. **Revista ead em Foco**, Rio de Janeiro, v.9 n.1, 2019. Volume único. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/775>. Acesso em 10 de ago. de 2020.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Revista GEOgraphia**, Niterói, ano IV, n.7, p.7-31, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13419>. Acesso em 12 de ago. de 2020.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L., **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MARTÍNEZ, Gustavo. Espacio, identidad y memoria en Los ríos profundos de J. M. Arguedas. **Revista Humanidades**, Montevideo: Año VIII-IX.1. Dezembro de 2009. p. 4358. Disponível em: [http://www.um.edu.uy/docs/revista\\_fhum\\_8y9\\_martinez.pdf](http://www.um.edu.uy/docs/revista_fhum_8y9_martinez.pdf). Acesso em 20 de jun. de 2021.

RAMA, Ángel. **Transculturación Narrativa en América Latina**. 2ª ed. Buenos Aires: Edición. El Andariego, 2008.

RAMA, Ángel. Los ríos profundos, ópera de pobres. **Revista iberoamericana**. Pittsburg, PA, volumen XLIX, 122, pp. 11-41. 1982.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et. al. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Marina Appenzeller Vol. 2. Campinas: Papirus, 1995.